

## *Persona*

- **Persona<sup>1</sup>** - É um *complexo funcional* que permite ao *ego* apresentar-se e adaptar-se a situações externas ligadas à convivência. O termo *persona* deriva das máscaras que os atores gregos usavam para os diversos papéis ou personalidades que interpretavam. É o aspecto ideal do eu que se apresenta ao mundo e que se forma pela necessidade de adaptação e convivência pessoal. É o que se pensa que é. Muitas vezes a *persona* é influenciada pela *psiquê* coletiva, confundindo nossas ações como se fossem individuais. Ela representa um pacto entre o indivíduo e a sociedade, sendo um conjunto de personalidades ou uma multiplicidade de pessoas numa só. A identificação do *ego* com a *persona* provoca o afastamento de nossa identidade pessoal, isto é, corremos o risco de não sabermos quem realmente somos. Somos, ao mesmo tempo, seres individuais e coletivos, pois temos uma natureza singular como também temos atitudes que nos confundem com a coletividade.

### **Máscaras e *personas*<sup>2</sup>**

*“Bem-aventurados os humildes de espírito. Porque deles é o reino dos céus.”* Mateus, 5:3.

Quando pronunciou as palavras acima, certamente o Cristo se referia àqueles humildes em aprender as verdades eternas e que se colocavam predispostos a entender o sentido e significado da Vida, sem a arrogância característica dos que acreditam já saber de tudo. Pobres em espírito ou pobres de espírito são expressões que podem ser interpretadas de formas distintas. Não importa se encontramos aspectos distintos numa mesma coisa, pois em tudo pode se obter um significado único. E, neste caso, ele é a necessária condição de ignorância para dispor-se a aprender.

Ele se referia a um estado de espírito, a uma condição consciente de se colocar diante do mundo, a uma atitude frente ao novo e ao desconhecido. Novamente ele busca dirigir-se ao ser humano psicológico muito mais do que ao ser humano social, ao interno mais que ao externo. Como naquela época em que aquelas palavras foram pronunciadas, também hoje o ser humano ainda se encontra preso ao mundo exterior, ao mundo da matéria, a que se apega como se fosse a única realidade possível. Ciente dessa condição, o Cristo endereça sua mensagem alertando o ser

---

<sup>1</sup> NOVAES, Adenáuer. *Mito Pessoal e Destino Humano*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005, p. 253.

<sup>2</sup> NOVAES, Adenáuer. *Psicologia do Evangelho*. 2. ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1999, p. 51-55.

humano da necessidade de que ele busque colocar sua mente distanciada de uma condição que lhe impeça a visão da realidade espiritual. Condição esta possível graças à humildade e ao desejo sincero de aprender. É como se ele nos convidasse a sempre ver as coisas sob a ótica do espiritual.

Ele costumava colocar que o ser humano deveria se assemelhar à criança nas suas atitudes, devendo aproximar-se de sua pequenez a fim de alcançar o reino dos céus (leia-se: alcançar um estado evolutivo melhor). Por que não igualar-se tão somente a um adulto responsável? A que atributo ele se referia, presente numa criança e desejável de existir num adulto? Arriscamos dizer que os preconceitos oriundos da educação costumam embotar a plenitude da capacidade de aceitar o novo.

Ser como uma criança é ter a condição não preconceituosa diante daquilo que se deve aprender. É buscar a ingenuidade e espontaneidade da criança.

Do ponto de vista psicológico é colocar sua mente sem a máscara social. É desvestir-se dos condicionamentos externos que impedem o aprendizado pelo Espírito. Colocar-se de forma preconceituosa é reter as coisas no nível do *ego*, impedindo, pelos mecanismos de defesa, o *Self* de filtrar o que deve ir ao Espírito.

As máscaras sociais, ou *personas*, colocam a mente numa condição de assimilação parcial, face as preocupações em se relacionar com o externo, inibindo parcial ou totalmente, a relação com o *Self*. Colocar-se como criança é permitir desabrochar o Eu interno, ou *Self*, cuja condição de centro regulador e organizador da *psiqué*, permite a utilização não conflitante do *ego* e das *personas*.

A inocência da criança é um estado psíquico de total confiança no futuro, de ausência de medo e de disponibilidade plena para a Vida. O Cristo se referia a esse estado de espírito como condição psíquica para conhecermos as leis de Deus e evoluirmos.

Nas relações com o próximo, a ingenuidade da criança é desejável, pois atenua o poder da mágoa ou do revide. A vingança é fruto da instabilidade psíquica, caracterizada pela assunção de um ou mais *complexos* à consciência, sem o devido equilíbrio do *ego*. Os *complexos* são o ponto de apoio das obsessões espirituais. Não revidar é não se sentir atingido diante da ofensa, que, em realidade, atinge seu emissor. O pobre de espírito coloca sua mente a serviço do Bem, e não dos objetivos do *ego* ou de alguma *persona* assumida.

O estado de espírito que não se assemelha ao da criança possibilita que a mente crie barreiras para se defender do mundo, não captando as leis espirituais a partir das experiências vividas. Colocar-se assim, é não precisar perdoar, pois não se sentiu agredido.

O Cristo dizia que “*Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos.*”<sup>3</sup>, referindo-se, numa perspectiva psicológica, ao *complexo* de superioridade que normalmente carregamos no inconsciente, e, às vezes, na consciência. Ser servo é não permitir que o *complexo* de superioridade assuma a consciência, determinando

---

<sup>3</sup> Marcos, 9:35.

a conduta e impedindo uma percepção adequada da realidade. Nesse sentido, o Cristo pode ser chamado Terapeuta, que significa “servidor de Deus”, isto é, aquele que cura em nome de Deus. Ele é aquele que serve a Deus sem o *complexo* de superioridade que infla o *ego*, atingindo alguns “missionários” que se acreditam superiores aos outros.

Servir é, então, o remédio, segundo as palavras do Cristo, e servir a Deus é a grande terapia para o ser humano. Podemos dizer que o trabalho em favor da Vida é a maior terapia que se pode aplicar a si mesmo. Quem quiser enfrentar seus conflitos internos deve começar pela caridade. O bem que fazemos aos outros é o bem que fazemos a nós mesmos. Servir ao próximo é o começo da própria cura. Quando é feito com sinceridade e equilíbrio é caminho de libertação. É importante ajudar ao próximo naturalmente, e não apenas como integrante de uma instituição religiosa ou social, qualquer que seja.

Em continuidade ao trecho citado anteriormente, o evangelhista recolhe a seguinte afirmativa do Cristo: “... porque aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que é grande.”<sup>4</sup> Essa colocação também pode ser vista como uma alusão aos *complexos* que se revezam entre a consciência e o inconsciente. Quando atribuímos poder ao *ego*, inflacionando-o, reduzimos a capacidade de aprender pelo *Self*. Quando diminuimos o poder do *ego*, ampliamos a capacidade do *Self* em apreender a realidade. O indivíduo ao elevar-se sem méritos, atribui poder ao *ego*, inflando-o; dessa forma, vive-se a vida do *ego*, e não a do *Self*.

Quem deliberadamente exalta suas qualidades, mesmo que as possua, torna-se orgulhoso e vaidoso de si. Esse orgulho cada vez mais estimulado inibe o conhecimento de si mesmo e impede a percepção da *sombra*, isto é, de suas qualidades negativas e do que desconhece da própria personalidade.

A psicologia do Cristo é cristalina quando a aplicamos ao nosso mundo interior. Não há como fugir de si mesmo. A humildade facilita o processo de autopercepção e de manifestação do *Self*. O orgulho embota a visão do Espírito, cegando-o à compreensão da realidade.

Quando o orgulho aparece, através da auto-elevação do *ego*, surge a primazia de uma das *personas* consolidadas nas encarnações anteriores. Essas *personas* inconscientes se tornam uma espécie de *sub-personalidade*. O indivíduo vive artificialmente pela manifestação de uma *subpersonalidade*, emergida pela energia demasiada atribuída ao *ego* que lhe dá sustentação. Essa *sub-personalidade* é nucleada por um ou mais *complexos*. Como exemplo podemos ver nas pessoas que, em outras encarnações estiveram em posições sociais importantes, mas que na atual encarnação não ocupam lugar de destaque na sociedade, poderá permitir que, pela inflação do *ego*, essa *subpersonalidade* assuma a consciência.

Quando não adicionamos excessiva energia ao *ego*, ampliamos a percepção de nossas próprias limitações, permitindo que enxerguemos a nossa *sombra*, antes inconsciente.

---

<sup>4</sup> Lucas, 9:48.

Da mesma forma, a simplicidade facilita a percepção dos *complexos* inconscientes, trazendo-os equilibradamente à consciência sem que eles predominem sobre o *ego*. Na humildade o verdadeiro Eu sobressai-se, para que o Espírito possa crescer, desenvolver-se e alcançar sua plenitude.